

AULA DE REVISÃO

Aula 10

AS VANGUARDAS EUROPÉIAS

Vanguarda é o nome que se dá ao conjunto de tendências que, numa determinada época, se opõem às tendências vigentes, principalmente no campo das artes.

Os textos seguintes registram alguns dos princípios fundamentais dos movimentos de vanguarda europeus do início do século XX. Cronologicamente, tais manifestações artísticas surgiram em torno da 1ª Guerra Mundial, compreendendo o período que a antecedeu e o período que a sucedeu - quando então o mundo já se preparava para a 2ª Grande Guerra.

Futurismo(1909) Itália, Marinetti

"Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminé de fábricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa arte."

- Versão dinâmica da realidade;
- Verso livre
- 'Imaginação sem fios' - palavra em liberdade;
- Valorização da máquina, da velocidade, dos símbolos;
- Destrução da sintaxe;
- Abolição dos adjetivos, advérbios, pontuação, conjunções

Expressionismo (1910) Alemanha, Van Gogh

"A terra é uma paisagem imensa que Deus nos deu. Temos que olhar para ela de tal modo que ela chegue a nós sem deformação. A realidade tem que ser criada por nós, o universo total de artista expressionista torna-se a visão. Ele não vê, mas percebe, ele não descreve, acumula vivências, ele não reproduz, estrutura. Cada homem não é mais indivíduo ligado a obrigação, à moral, à sociedade... Nessa arte ele se torna somente o mais grandioso ou o mais humilhado: ele se torna homem."

- Expressão das emoções e do mundo interior do homem usando a distorção violenta, a cor forte, o traço exagerado;
- Anita Malfatti (exposição em 1917)
- Percepção;
- Artista não descreve, acumula vivências;
- Interessa ao artista exteriorizar as sensações,, captar o que está além dos fatos

Cubismo(1913) França, Pablo Picasso

"Os grandes poetas e os grandes artistas têm por função social remover continuamente a aparência que reveste a natureza, aos olhos dos homens. A ordem que aparece na natureza é que é senão um efeito da arte, logo se evaporaria. Tudo se desmancharia no caos. Não mais estações, não mais humanidade, não mais vida, e a escuridão reinaria para sempre. Os poetas e os artistas determinam e consertam a imagem de sua época e docilmente o futuro se amola a seu gosto"

- Imagens fracionadas em planos superpostos;
- Estrutura nominal, invenção de palavras;
- Ilogismo;
- Subjetivismo;
- Humor através de uma linguagem mais ou menos caótica.

Dadaísmo (1918) Suíça, Tristan Tzara

"A arte precisa de uma cirurgia. Eu sou contra os sistemas. O melhor dos sistemas é aquele que tem por princípio, nenhum princípio.. no fundo é tudo merda! Que cada homem grite, há um grande trabalho negativo a executar. Varrer, limpar. Ser dadá é ser anti-dadá "

- Apologia ao absurdo e ao incoerente;
- Propõe a destruição do ambiente;
- Ausência do equilíbrio, irreverência;
- Linguagem improvisada;
- Explora o uso de neologismo;
- Aproximação com o mundo dos loucos.

Surrealismo(1924) França, André Breton

" Mandem trazer algo com que escrever, depois de se haverem estabelecido em um lugar tão favorável quanto possível à concentração do espírito sobre si mesmo. Ponham-se no estado mais passivo ou receptivo que puderem. Escrevam depressa, sem assunto preconcebido, bastante depressa para não conterem e não serem tentados a reter. A primeira frase, virá sozinha"

- Surge após o Dadaísmo ser dissolvido;
- Freud;
- Marx;
- Subconsciente: Liberação do ID - Instinto destruidor e sexual;

- Ilógico aparentemente (fantástico e absurdo);
- Linguagem caótica, metafórica e difícil - Hermético;
- Automatismo Verbal: linguagem liberada, sem barreiras gramaticais;

MODERNISMO EM PORTUGAL

Surge a partir de 1915 com a publicação da **Revista Orpheu**, liderada por Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro. Além desses, participaram também nomes como o brasileiro Ronald de Carvalho e outros portugueses: Luís de Montalvor, Almada Negreiros, etc

Autores

Mário de Sá-Carneiro: Poeta de personalidade complicada, cujo tema central abordou os conflitos existenciais. Apresentava características simbolistas como a musicalidade (rimas, versos redondilhos), a sinestesia e palavras abstratas.
Obra: "Dispersão"

Fernando Pessoa e seus heterônimos: Fernando Pessoa Ele-mesmo tem sua obra marcada, por um lado, pela influência simbolista (musical, ritmado, sensacionista, abstrato); principalmente na parte lírica ("Cancioneiro"), e, por outro, é sebastianista, nacionalista e místico, como acontece na obra épica "Mensagem".

a) Alberto Caeiro:

"Surge em maio de 1914 e mestre de todos os heterônimos", Alberto Caeiro é o poeta que vive no campo, tentando alcançar a mais absoluta depuração, como as flores, os regatos, os prados, etc., os quais obviamente são incapazes de refletir e questionar o mundo. Portanto, são felizes em sua própria inconsciência. Caeiro admira a Natureza e busca atingir a mesma impassibilidade dos elementos naturais. Para este heterônimo o mundo não encerra mistérios: Deus, metafísica, "sentido último das coisas", nada disso importa, as coisas são apenas as coisas. E é esta realidade pura, sem símbolos de qualquer espécie, que constitui o alvo de sua criação poética.

b) Ricardo Reis

Ricardo Reis representa o homem clássico, preso aos valores da Antiguidade. Estes, através do paganismo, anterior à ideia cristã do pecado, oferecem o único sentido para a vida. Por isso, Ricardo Reis se manifesta poeticamente através de odes (forma originária da velha Grécia e desenvolvida especialmente pelo poeta latino Horácio. A ode é uma espécie de canto, geralmente um poema de estrofes simétricas, com intuito de exaltação ou discussão da vida).

A crítica Jane Tutikian especificou com clareza o sentido da poesia de Ricardo Reis: "Quando se afirma a conexão de Ricardo Reis a Horácio, se afirma formalmente (as odes clássicas, ricas em inversões vocabulares), mas também relacionada a uma cosmovisão que alia duas tradições: o estoicismo (com seu alto poder de aceitação e de resignação) e o epicurismo (o supremo bem está no prazer).

Ricardo Reis é o culto do instante, o *carpe diem*, (o viver intensamente a vida) é o epicurismo a se revelar pelo prazer equilibrado, puro, duradouro. Mas é, também, a consciência da transitoriedade, da presença constante da morte"

c) Álvaro de Campos

É o heterônimo mais próximo de nossa sensibilidade. Uma de suas dimensões é a do poeta futurista, criador de vanguarda capaz de olhar para o mundo contemporâneo e cantar as máquinas e o futuro. É estressado, pessimista, entediado, com auto-estima baixa, alcoólatra, bissexual. Seus longos poemas apresentam gritos, urros, palavrões e muita metafísica.

Álvaro é o único heterônimo que apresenta evolução e fases:

- Neo-simbolista e decadentista;
- Futurista;
- Niilista e pessimista.

MODERNISMO NO BRASIL: A SEMANA DE ARTE MODERNA

A semana de Arte Moderna foi um evento cultural sincrético, patrocinado pela alta burguesia intelectual paulistana e ocorreu entre os dias 13 e 18 de fevereiro, de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo.

Não foi um acontecimento repentino, pois delineou-se desde a década anterior.

Quanto à divulgação das ideias da Semana, muitos movimentos e revistas surgiram logo em seguida:

- Movimento Verde-Amarelo;
- Movimento Pau-Brasil;
- Revista de Antropofagia;
- Revista Klaxon;
- Revista Terra Roxa e Outras Terras;
- Congresso Regionalista do Recife.

PRIMEIRA GERAÇÃO MODERNA – FASE HERÓICA

O que havia em comum entre os escritores desse primeiro momento era o espírito demolidor que traziam para a arte:

- Defesa da linguagem oral (coloquialismos);
- Direito à pesquisa estética e a novos temas (o cotidiano);
- Humor na literatura;
- Aproximação da prosa e do verso;
- Versos livres e brancos;
- Resgate da identidade nacional (nacionalismo crítico);

Autores

a) Mário de Andrade

"O papa do Modernismo brasileiro"

Além de todas as características acima:

- Vertente Urbana: Crítica contra a burguesia paulistana e às famílias e costumes conservadores. ("Amar, Verbo Intransitivo)
- Vertente Folclórica: Refere-se a obras de natureza folclórica, cujo grande exemplo é a rapsódia: Macunaíma.

b) Oswald de Andrade: "O clown da burguesia"

Além de todas as características acima:

- Fundou a corrente de Antropofagia (devoração crítica da cultura estrangeira).
- Inventou o poema-piada, o poema-flash, utilizando o cubo-futurismo;
- Fazia paródia histórica com a Carta de Pero Vaz de Caminha e outros textos;
- É elíptico, suprime pontuação e apresenta neologismos.

Obras: "Memórias Sentimentais de João Miramar"

"Serafim Ponte Grande"

"O rei da vela"

c) Manuel Bandeira

Inicia sua produção poética dentro do estilo romântico, experimenta o parnasianismo e o simbolismo e, a partir da obra *Libertinagem* (1927), assume definitivamente uma postura moderna.

Seus temas falam da morte, infância, família, amigos, a ternura, a própria poesia, o folclore, o cotidiano, a simplicidade, o alumbramento poético. Assim como Mário e Oswald, ele defende a língua do povo, como todos os erros, versos livres e brancos e elementos que resgatam nossa identidade nacional.

Obra: "Estrela da Vida Inteira"

ANTOLOGIA

Ode Triunfal

(...)

Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia, eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-lá! He-hô Ho-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

(Álvaro de Campos)

Corinthians 2 vs. Palestra 1

"Prrrrrii!

- Aí, Heitor!

A bola foi parar na extrema esquerda. Melle desembestou com ela.

A arquibancada pô-se em pé. Conteve a respiração.

Suspirou:

- Aaaah!

Miquelina cravava as unhas no braço gordo da Iolanda. Em

torno do trapézio verde a ânsia de vinte mil pessoas. De

olhos ávidos. De

nervos elétricos. De preto. De branco. De azul. De vermelho.

Delírio futebolístico no Parque Antártica."

(*Antônio de Alcântara Machado*)

O menino experimental

O menino experimental come as nádegas da avó e atira os ossos ao cachorro.

O menino experimental futuro inquisidor devora o livro e soletra o serrote.

O menino experimental não anda nas nuvens. Sabe escolher seus objetos. Adora a corda, o revólver, a tesoura, o martelo, o serrote, a torquês. Dança com eles. Conversa-os.

O menino experimental atea fogo ao santuário para testar a competência dos bombeiros.

O menino experimental, declarando superado o manual de 1962, corrige o professor de fenomenologia.
O menino experimental confessa-se ateu e à-toa.

O menino experimental despede a televisão, "brinquedo para analfabetos, surdos, mudos, doentes, antinietzsches, padres, podres, croulants".
O menino experimental atira uma granada em forma de falo na mãe de Cristóvão Colombo, sepultado nas Américas.
(Murilo Mendes)

Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa
Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa
Aquele homem mal vestido, pedinte por profissão que se lhe vê na cara,

Que simpatiza comigo e eu simpatizo com ele;
E reciprocamente, num gesto largo, transbordante, dei-lhe tudo quanto tinha
(Exceto, naturalmente, o que estava na algibeira onde trago mais dinheiro:

Não sou parvo nem romancista russo, aplicado,
E romantismo, sim, mas devagar...)
Sinto uma simpatia por essa gente toda,
Sobretudo quando não merece simpatia.
Sim, eu sou também vadio e pedinte,
E sou-o também por minha culpa.
Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte:
E' estar ao lado da escala social,
E' não ser adaptável às normas da vida,
'As normas reais ou sentimentais da vida -
Não ser Juiz do Supremo, empregado certo, prostituta,
Não ser pobre a valer, operário explorado,
Não ser doente de uma doença incurável,
Não ser sedento da justiça, ou capitão de cavalaria,
Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos romancistas
Que se fartam de letras porque tem razão para chorar lágrimas,
E se revoltam contra a vida social porque tem razão para isso supor.

Não: tudo menos ter razão!
Tudo menos importar-se com a humanidade!
Tudo menos ceder ao humanitarismo!
De que serve uma sensação se ha uma razão exterior a ela?
Sim, ser vadio e pedinte, como eu sou,
Não é ser vadio e pedinte, o que é corrente:
E' ser isolado na alma, e isso é que é ser vadio,
E' ter que pedir aos dias que passem, e nos deixem, e isso é que é ser pedinte.

Coitado do Álvaro de Campos, com quem ninguém se importa!
Coitado dele que tem tanta pena de si mesmo!
E, sim, coitado dele!
Mais coitado dele que de muitos que são vadios e vadiam,
Que são pedintes e pedem,
Porque a alma humana é um abismo.
Eu é que sei. Coitado dele!
Que bom poder-me revoltar num comício dentro de minha alma!
Mas até nem parvo sou!
Nem tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.
Não tenho, mesmo, defesa nenhuma: sou lúcido.

Não me queiram converter a convicção: sou lúcido!
Já disse: sou lúcido.
Nada de estéticas com coração: sou lúcido.
Merda! Sou lúcido.
(Álvaro de Campos)

DA MINHA ALDEIA vejo quando da terra se pode ver no Universo....
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista a chave,
Escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a única riqueza é ver.
(Alberto Caeiro, em "O Guardador de Rebanhos".)

Quando, Lídia

Quando, Lídia, vier o nosso outono
Com o inverno que há nele, reservemos
Um pensamento, não para a futura
Primavera, que é de outrem,
Nem para o estio, de quem somos mortos,
Senão para o que fica do que passa
O amarelo atual que as folhas vivem
E as torna diferentes
(Ricardo Reis)

Não sei Dançar

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria...
Abaixo Amiel!
E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.
Sim, já perdi pai, mãe, irmãos.
Perdi a saúde também.
É por isso que sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.
Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu tomo alegria!
Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.
Mistura muito excelente de chás...
Esta foi açafata...
- Não, foi arrumadeira.
E está dançando com o ex-prefeito municipal:
Tão Brasil!
De fato este salão de sangues misturados parece o Brasil...
Há até a fração incipiente amarela
Na figura de um japonês.
O japonês também dança maxixe:
Acugelê banzai!
A filha do usineiro de Campos
Olha com repugnância
Para a crioula imoral,
No entanto o que faz a indecência da outra
É dengue nos olhos maravilhosos da moça.
E aquele cair de ombros...
Mas ela não sabe...
Tão Brasil!

Ninguém se lembra de política...
Nem dos oito mil quilômetros de costa...
O algodão do Seridó é o melhor do mundo?... Que me importa?
Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilóstomos.
A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
Eu tomo alegria!
(Manuel Bandeira)

Garoa do Meu São Paulo

Garoa do meu São Paulo,
-Timbre triste de martírios-
Um negro vem vindo, é branco!
Só bem perto fica negro,
Passa e torna a ficar branco.

Meu São Paulo da garoa,
-Londres das neblinas finas-
Um pobre vem vindo, é rico!
Só bem perto fica pobre,
Passa e torna a ficar rico.

Garoa do meu São Paulo,
-Costureira de malditos-
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...

Garoa, sai dos meus olhos.
(Mário de Andrade)

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
(Oswald de Andrade)

O Capoeira

- Qué apanhá sordado?
- O quê?
- Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada.
(Oswald de Andrade)

Ode ao Burguês

Eu insulto o burgês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!
Eu insulto as aristocracias cautelosas!
os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurras!
que vivem dentro de muros sem pulos,
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os "Printemps" com as unhas!
Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!

Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequina!
Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol!
Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais
Morte ao burguês-mensa!
ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
Padaria Suíça! Morte viva ao Adriano!
" _ Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
_ Um colar... _ Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!"
Come! Come-te a ti mesmo, oh! gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante!
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de giolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!
Fora! Fu! Fora o bom burguês.
(Mário de Andrade)